



Melgacense

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO—Rua da Calçada

Proprietario e director, — José Ferreira Las-Casas

Impresso nas officinas d'O ALTO MINHO—Monsão, rua do dr. Alvares da Guerra n.º 20-24

Editor—Alfredo Fernandes Pereira

NO PARLAMENTO

Vamos passar em revista o que de mais importante houve no parlamento durante as duas ultimas semanas.

O sr. João Franco (leader) da minoria perguntou ao nobre ministro das obras publicas se era pensamento do governo conservar na posse do Estado as linhas ferreas do sul e sueste e Minho e Douro e não sendo assim se ha quaesquer negociações encetadas para o seu arrendamento. Diz que faz estas perguntas que julga opportunas porque sabe que no seio do gabinete não ha perfeita harmonia sobre a operação a realizar com os caminhos de ferro.

O sr. Elvino de Brito declara que quando assumiu a gerencia da pasta das obras publicas attendeu igualmente á parte economica do seu ministerio e n'esse sentido chamaram a sua attenção as linhas ferreas do Estado que não produziam a receita que d'ellas havia a esperar. Estudou o assumpto cuidadosamente e publicou em 6 d'outubro um decreto, no qual, sem se pronunciar sobre o regimen que mais tarde conviria adoptar, promulgou as providencias que julgou necessarias e até indispensaveis para que a receita dos caminhos de ferro fosse justamente a que devia ser.

Não se pronunciando ainda hoje sobre o regimen que mais convem adoptar, se a administração do Estado, se a administração feita por companhias particulares, diz que, quer no nosso paiz, quer no estrangeiro, se tem tentado um e outro systema. Nomeou diferentes comissões de estudo do complemento da linha ferrea ao norte de Mondego e outra ao sul. Que é sua tenção levantar a administração dos caminhos de ferro do estado do abatimento em que se encontram.

O sr. João Franco volta á

garga, dizendo que o ministro das Obras Publicas não respondeu por completo ás suas perguntas e em seguida fez largas considerações de caracter politico, sobre o convenio, titulos da divida externa, as obrigações do caminho de ferro e muitas outras coisas, procurando tirar das palavras do sr. Elvino de Brito illações que ellas realmente não continham. Responde-lhe novamente o ministro das Obras Publicas affirmando o evidente proposito em que está a opposição, representada pelo sr. João Franco, de só levantar a questão politica, pois não era a respeito d'umas simples perguntas sobre qual era o pensamento do governo a respeito das linhas ferreas do Estado que cabia a questão das negociações para o convenio, e muito menos ainda, depois da declaração formal do sr. José Luciano de Castro de que o projecto estava sendo negociado nos precisos termos da authorização dada ao governo, auctorisación em que não figuram para recusa alguma, os caminhos de ferro da posse do estado.

O sr. Luciano Monteiro diz que o procedimento da opposição na questão do convenio não tem por fim obter do governo informações sobre os detalhes das negociações, mas simplesmente saber o que ha de verdade nas notícias terroristas que todos os dias nos vem do estrangeiro.

Em seguida pinta em côres vivas a afflictiva situação do Estado, accusando com o mais ferrenho facciosismo, o governo de não defender os interesses do paiz, repetindo ainda uma vez as perguntas que anteriormente havia feito o sr. João Arroyo e ás quaes já o governo respondera terminantemente.

Responde-lhe em palavras portuguezas, singellas mas verdadeiras, o nobre ministro da fazenda.

Referindo-se ao sr. Luciano Monteiro começa por dizer que bem fizera o deputado em dizer

que estava sendo victima de um devaneio da sua imaginação. A tempestade que descrevera era uma phantasia. Diz s. ex.ª que conhece bem a má situação do paiz e sabe que essa situação póde e ha-de ser debellada, desde que o paiz continue a ter serenidade e proceda como um paiz honrado.

Não encara a questão de baixo do ponto de vista partidario. Tem um dever mais alto a cumprir. Declara que nunca foram mais cordoes do que agora as nossas relações com as tres poderosas potencias que o sr. Luciano Monteiro aponta como apostadas em nos quererem impôr uma administração estrangeira. Magôa-se com a ligeireza com que a opposição está tratando assumpto tam grave.

Os oradores da minoria todos os dias fazem perguntas terroristas, de baixo de forma diferente. Elle, ministro, é que é sempre o mesmo a responder e por isso tem de se aproveitar das mesmas palavras que empregou na primeira resposta dada, ao sr. João Arroyo. Conserva uma certa reserva. No entanto affi ma terminantemente que a proposta do governo portuguez se cingiu estritamente, aos limites rigorosos da lei. Nenhum comité respondeu com outra resolução que não fosse a de acceitarem a reunião em Paris e na data fixada. Como sensatamente diz um nosso collega da capital, o discurso do sr. Manoel Affonso Espregueira primou pela sinceridade, pela nobreza de ideia e pelo extremo patriotismo.

Que a lição aproveite aos politiqueros d'agua doce!

A PEQUENA PROPRIEDADE

Pelo artigo que abaixo vai ler-se e que com a devida venia transcrevemos do «Celoricense»,

se vê que o mal de que enferma a nossa lavoura não é peculiar do paiz.

Outras nações, como a França, apesar do seu fallado adeantamento, padecem dos mesmos males.

O que é necessario, é que assim como lá se lhes procura remedio, nós cá façamos o mesmo. Segue o artigo.

«Os tópicos que vão lêr-se são a summa de um extenso trabalho que viu a luz no jornal francez *L'Agriculture Moderne* sobre os meios de dar remedio á situação agricola d'aquelle paiz, cujo quadro segundo parece não deixa de ser um tanto sombrio.

De toda a parte do territorio da França se apontam os seguintes factos capitaes, considerados como symptomas dos males de que está soffrendo a propriedade:

Despovoações dos campos;
Abandono dos terrenos mediocres ou difficéis de cultivar;
Diminuição progressiva do valor do solo;

Existencia, quasi por toda a banda, de proprietarios sem caseiros e de caseiros sem jornaleiros;

Um imposto predial exorbitante.

Esperar do parlamento, como diz o citado jornal ou do governo, como dizemos nós cá, uma panacéa soberana para taes soffrimentos, seria uma loucura, por serem em grande parte provenientes de uma evolução economica que se está dando em varios paizes. Mas ha uma serie de medidas que podem attenuar a intensidade do mal. Varias já foram ali votadas, outras estão em estudo, e entre ellas ha uma muito interessante, accete pela camara e que está sendo n'esta occasião examinada pelo senado.

—Tem por objecto a constituição e o fomento da pequena propriedade rural.

E' por este modo que se es-

pera fixar o trabalhador ao solo e constituir-lhe um patrimonio de familia. Trata-se agora de estabelecer os meios praticos peios quaes isso se possa obter.

A base de que ali se parte é esta: uma lei creou em 1894 em proveito dos operarios industriaes as habitações baratas, favorecendo a sua diffusão por meio de vantagens diversas. Esta lei, que como innovação que era encontrou a principio bastantes incredulos, deu os mais satisfatorios resultados.

Em quatro annos fundaram-se 26 sociedades anonymas ou cooperativas com o capital de 2 milhões de francos, com o fim de construir pequenas habitações de operarios. Os comités locais em exercicio para o mesmo objecto, são 87 repartidos por 84 departamentos ou districtos.

E porque se não ha de fazer para a agricultura o mesmo que se fez para a industria?

E' aqui que bate o ponto. Assim como a propriedade dos artistas industriaes gosa de certas garantias, isenção de certas contribuições, facilidade de obter credito e realizar o seguro, o mesmo se pretende tornar extensivo á pequena propriedade rural, havendo quem vá mais longe e que além d'essas immuniidades e de uma protecção efficaz contra as exigencias do fisco, deseje que se estabeleça em França o que está em pratica nos Estados-Unidos—a instituição conhecida pelo nome do *homestead*, ou protecção contra a penhora de uma certa porção de propriedade adquirida, por exemplo até á importancia de 6:000 francos.

Em summa; seja por todos ou por alguns d'esses meios, o que é facto é que o parlamento francez trata de sustar pelos meios possiveis os progressos do proletariado rural, cujas consequencias ali como em Portugal e outros paizes se está fazendo cada vez mais sentir.

FOLHETIM

O PÃO MALDICTO

POR

GUY DE MAUPASSANT

Depois das formalidades da *mairie* e da cerimonia religiosa, dirigiram-se todos para a casa de Anna. Os Tailles convidaram, por seu lado, um velho primo, M. Sauvetanin, homem todo philosopho, muito ceremonioso, de quem esperavam a herança, e uma velha tia, M.^{me} Lamondois.

M. Sauvetanin foi designado para offerecer o braço a Anna. E este par foi julgado o mais im-

portante e o mais distincto da sociedade.

Chegados á porta, Anna deixou immediatamente o braço do seu cavalheiro e correu, na frente de todos dizendo:

—Vou indicar-lhes o caminho.

E subiu a escada, n'um salto, em quanto a procissão dos convidados seguia lentamente. Abrindo a porta de par em par, afastou-se um pouco para deixar passar toda aquella gente que estendia a cabeça olhando para os cantos, n'uma admiração burgueza por todo aquelle luxo mysterioso.

Como a sala de jantar era demasiado pequena, poz-se a meza

ao centro do salão; um restaurant visinho havia fornecido a maior parte dos talheres e as garrafas cheias de vinho reluziam tocadas por um raio de sol que penetrava por uma janella proxima.

As senhoras entraram todas no quarto de dormir e a fim de melhor ficarem á vontade, tiraram os chapéus e cuidaram um pouco do cabelo, ao espelho, emquanto o pae Touchard de pé, á entrada da porta, piscava o olho, malicioso, para o grande leito baixo e largo ou trocava com o grupo dos homens varios ditos galhofeiros. Mas o pae Taille, muito digno, olhava com orgulho intimo toda a esplendida mobilia da sua filha e d'um lado para outro, de

chapeu na mão, inventariava com o olhar os objectos de gosto.

Anna ia e vinha, corria e dava ordens, apressando o começo da festa; e emfim appareceu á entrada da sala de jantar desgüarnecida, gritando:

—Vamos a isto, não se demorem.

Rosa e o seu marido, enlaçados pela cintura, abraçavam-se aos cantos. M. Sauvetanin seguia Anna com os olhos, perseguido por esse ardor que espicaça os homens, mesmo velhos e feios, junto das mulheres galantes.

Todos se sentaram e o jantar principiou então. Os paes dos noivos occupavam um dos lados da meza e outros convidados o lado

opposto; M.^{me} Touchard presidia á direita e a noiva presidia á esquerda. Anna occupava-se de todos, enchendo os copos que se esgotavam e os pratos que iam ficando vazios. Um certo acanhamento respeitoso em frente da magnificencia de todo o serviço do jantar paralisava um pouco os convivas mais expansivos.

Comia-se bem, mas não havia aquella alegria que é usual em todas as bodas. Sentia-se uma atmosphera de muita distincção e isso intimidava a maior parte. A M.^{me} Touchard, pouco dada a tristezas, tratou de fazer reanimar a situação; e como se estava no *desert*, ella gritou d'alto:

—Filippe, então! canta-nos

CARTA

Valladares, 13 de fevereiro de 99

Proseguindo na nossa campanha de moralidade, vamos hoje continuar na narração das torpezas que, sem interrupção, se praticam na 1.ª secção de conservação e mais accentuadamente na estrada real n.º 23.

O conductor chefe da 3.ª secção de construção tem ao que parece *carta branca*, pois mostra poderes tão discretos, que mais parece o Ministro d'Obras Publicas de que um subordinado do sr. Director d'este Districto.

Na estrada real n.º 23 é quem *todo lo manda*. É a Mesa Censoria, onde dão baixa todas as petições, que digam respeito a edificações, vedações, passagem d'aguas e quaesquer outras obras, que tenham a fazer-se nas margens da referida estrada.

Sem licença do chefe da 3.ª secção a obra não corre. E para isso é preciso um *aviso prévio*.

Os presuntos têm muita força: são tão substanciosos...

Muitas vezes vemos, sem autorisação legal, porque auctorisacão também não podia ser concedida, fazerem-se trabalhos que prejudicam terceiro, sómente por determinação do chefe da 3.ª secção em Coura e residente na Valinha de Monsão; e os lezados lá ficam, coitados, a encolher os hombros, não se querendo metter em funduras, com medo de ficarem ainda por cima, sem alguns vintens.

Deve notar-se que estas concessões não são só em proveito do proximo: a caridade bem entendida, deve principiar por nós, e este empregado segue á risca este preceito de moral.

Elle, que da estrada real n.º 23 tem feito patrimonio exclusivo, assenhoreia-se de tudo que lhe convem e lhe appeteece.

Manda abrir aqueductos para passagens d'aguas, empalma outras que deviam ser respeitadas, embaraça servidões de propriedades; e as suas terras tem o privilegio de receber os enxurros de aguas pluvias, que são conduzidas pelos valetas da estrada, não lhe repugnando prejudicar direitos e interesses de outros proprietarios confinantes; manda applicar multas a quem tiver a infelicidade de não lhe estar nas boas graças, assim como dá ordem para ser perdoada qualquer transgressão, quando lhe appareça algum *braço quebrado*. O que produz o terreno das rampas é conduzido para sua casa por cantoneiros, que, quasi todos os dias, estão ao

seu serviço; faz os pagamentos a estes empregados, e segundo os mesmos dizem, muitas vezes, ha falta de trocos que nunca apparecem.

Concede terrenos *abandonados* por seu unico alvedrio, para augmentar a receita.

Tem tido cantoneiros pescadores, podadores, cavadores, horteleiros, cozinheiros, aguadeiros, *padintes, conductores e carreiros*: para todo o serviço. Não, que se assim não fosse já estariam na *Ilha do Diabo*, e um homem estar na sua casinha é um grande regalo.

Os commentarios ficam para outra vez e o que fica dito não é tudo, sr. Director do Districto de Vianna do Castello: Ha muito mais e melhor.

Nós havemos de chegar ao fim... se Deus Nosso Senhor quiser.

As nossas correspondencias tem sahido com algumas incorrecções originadas na composição typographica, passando desapercebidas na revisão.

Na ultima carta encontra-se, entre outras de somenos importancia, uma que é necessario reparar.

Ao citarmos alguns vultos eminentes que tiveram por berço a velha Athéna, essa *mostra* que chegou a ser um dos mais inebrosos focos de civilisação, que o mundo tem visto, referimo-nos a *Aristophanes*, como o maior poeta comico da Antiguidade. Porisso deve ler-se na *comedia* é um *Aristophanes* e não na *academia* como erradamente se encontra.

Alguem se tem lembrado de nomear o nosso amigo sr. Antonio José Peixoto como nosso informador; e isto por termos relatado alguns acontecimentos, dados no seu estabelecimento.

É uma falsidade. O sr. Peixoto embora conheça o auctor d'estas linhas, não lhe tem fornecido a mais pequena informação; nem elle nem qualquer outra pessoa.

Não façam juizos mal fundados, porque dão lugar ao *disfructo*.

Residimos em Valladares e não precisamos de quem nos illicide sobre as occorrencias d'esta terra: *oculis videmus, auribus audimos* e também *conversamos* com o Senhor dos Passos.

Por despacho de 9 do corrente foi nomeado tabellião e collocado n'esta localidade o nosso amigo sr. Manoel Augusto Pereira d'Alca.

Ao agraciado, que é um rapaz muito *sympathico* e intel-

gente, enviamos o nosso cartão de parabéns.

O sr. Manoel José de Faria Pereira, que estava exercendo aquelle cargo, foi a seu pedido transferido para Carla, na comarca de Aldeia Gallega.

R.
CHRONICA DA SEMANA

Domingo, 12 | 2 | 99.

Mais uma semana passada sem que a *élite* melgacense tivesse um dia em que o astro rei a visitasse, convidando-a a ir até Prado, ou até á Orada.

Tem chovido e ventado por uma fôrma desabrida. Tem sido um temporal que se estendeu por todo o paiz, causando grandes destroços; muitas sementeiras arrazadas, derrancadas inumeras arvores, destruindo muros, etc.

Não me recordo de um temporal tão rigoroso, causando até espanto o grosso volume d'agua que leva o nosso Minho.

Ainda assim n'este concelho não tem causado prejuizos.

Faz hoje oito dias que n'esta villa houve tres bailes a que vulgarmente chamam *treanés* ou *batuques*. Estiveram animados e as tres orquestras «Velha», «Nova» e a de S. Gregorio satisfizeram os amadores da dança Terpersicre.

Pena foi porem, que a noite não estivesse propria para estes divertimentos carnavalescos, o vento rugia sobre os telhados, e chovia torrencialmente.

Porém quem se quer divertir não se importa do bom ou mau tempo.

Na noite de hoje também a sociedade «Recreio Melgacense» abre as suas portas ás familias dos socios, dando o primeiro baile do carnaval, proporcionando assim uma noite agradável ás nossas gentis damas, onde devem passar algumas horas alegres.

Censurou-se para ahí a junta de parochia d'esta villa, censura que só poderia sair de uma miuleira de sabugo, por ter arrecadado sem a menor condescendencia toda a esmola que durante o dia da festa tinha sido dada pelos fieis ao milagroso S. Braz, festa que teve lugar na capella da Orada, em 3 do corrente.

Não écho justa essa censura porque primeiramente está a conservação do templo e a capella da Orada não tem outros rendimentos senão as esmolas que os devotos levam.

Poderia fazer algumas justas considerações sobre o assumpto,

mas abstenho-me louvando apenas o procedimento da digna junta de parochia e lembrando aos meus leitores um dos pensamentos do padre Roux:—A consciencia do homem todo entregue ás suas paixões, é como a voz do naufrago coberta pela tempestade. Perceberam?

Por hoje termino registrando aqui uma data: o dia 12 de janeiro. Fez um anno n'este dia que se abriu ao transito a estrada que liga esta villa á pittoresca povoação de S. Gregorio, entrando alli pela primeira vez seis carros, conduzindo a fina rapaziada melgacense convidada para a assistir a tomar parte nas manifestações que então alli se fizeram pela realisacão de tão importante melhoramento.

Fez um anno, pois, no dia 12 de janeiro, que S. Gregorio se achava embandeirada sendo um dia de festa, um dia de *reosijo* para os seus habitantes.

E eu como humilde *chronista* d'este jornal não pude deixar de registrar esta data, sendo desnecessario dizer aos meus queridos leitores que é ao partido progressista a quem se deve tão importante melhoramento.

Até á semana.

Em melgacense.

NOTICIAS & LOCAES

Milho

Para evitar a carencia de milho no mercado d'este concelho, consta-nos que a digna camara municipal, d'harmonia com a auctoridade administrativa, tracta de estabelecer um armazem de venda d'aquelle cereal pelo preço porque obtiver compral-o no concelho ou importal-o.

E, para garantir aos proprietarios d'este concelho, a venda das quantidades de que elles possam dispor, consta-nos que serão elles convocados para uma reunião na qual se accordará sobre preços e demais condições da venda.

E de louvar o procedimento da camara, se as nossas informações forem verdadeiras, como cremos.

Tabellião

Foi nomeado tabellião para Castro Laboreiro d'este concelho, o sr. Julio Pereira de Figueiredo.

Anna toda pallida, tinha baixado os olhos.

O noivo olhava envolta, embaraçado, sem comprehender a causa d'esta frieza subita. M. Sauvetanin declarou gravemente para salvar a situação que «—o ultimo *complet* era muito forte».— O pae Taille, vermelho como um pimentão, dirigia olhares ferozes para todos os lados.

Porem Anna que tinha os olhos cheios de lagrimas, disse para os criados com uma voz molhada de mulher que chora: —Tragam o champagne!

E toda uma alegria viva principiou a agitar os convidados, tornando as caras radiosas d'um contentamento subito.

Falta de milho

No dia 3 do corrente, reuniu no Porto, a comissão de agricultura districtal, afim de dar o seu parecer relativamente á carestia do milho, sendo resolvido informar o ministro das obras publicas do seguinte:

Ha carestia absoluta e carencia excessiva de milho em todos os concelhos, é indispensavel a importação de trezentos e cinquenta mil hectolitros de milho para alimentação publica. O preço actual do milho regula de 800 a 1:000 reis por 20 litros. O preço normal é de 600 reis por igual medida. A colheita ultima é computada num terço da colheita regular, que é avaliada em 850 mil hectolitros. O consumo de milho na alimentação publica é calculado em 968:000 hectolitros por anno e a comissão julga urgente a importação de 350:000 hectolitros de milho, sendo reduzidos os direitos alfandegarios de forma que o preço de cada 20 litros na praça do Porto fique por 600 reis, para que depois de transportado para as sedes dos diferentes concelhos não exceda muito ao preço normal, e que o milho importado n'estas condições seja applicado exclusivamente á alimentação publica e não a usos industriaes.

Reunião familiar

Das noites de 12 e 14 do corrente reuniram-se no salão da assembleia «Recreio Melgacense» algumas familias dos seus socios, dançando-se animadamente até depois da meia noite.

Baptisado

No dia 13 baptizou-se na igreja matriz, d'esta villa, uma filhinha do sr. Antonio Philippe de Barros e da ex.ª sr.ª D. Izabel Sophia Pereira Pimenta de Castro Pitta Barros.

A neophita recebeu o nome de Alda Estrella.

Foram padrinhos a ex.ª sr.ª D. Estrella Pereira Pimenta de Castro Pitta e o sr. Frederico Augusto dos Santos Lima.

Desejamos á recém-baptisada uma longa vida cheia de venturas.

Almeida Garrett

Ainda que um pouco tarde, porque já passou o dia do centenário, vimos tomar parte na consonancia de saudações com que os nossos collegas da imprensa manifestaram a sua admiracão pelo

O pae Touchard, que nada tinha visto e nada tinha comprehendido, brandia sempre como uma batuta de *maestro* um pedaço enorme de pão, trauteando:

É pão maldicto que envenena a gente.

E todas as pessoas em volta da meza, electrizadas pela apparição das garrafas de champagne, repetiam u'um ruido formidavel:

É pão maldicto que envenena a gente.

Da nos vigor, consolacão e gozo. Mas outro existe que a infancia amassa E o inferno serve descaradamente... No pão do crime não toqueis, meus filhos E' pão maldicto que envenena a gente.

Toda a meza applaudia freneticamente. O pae Touchard declarou que era muito tocante; e M. Sauvetanin murmurou entre os dentes: «—Muito bem... muito bem...»—enquanto a velha tia Lamondois enxugava os olhos no guardanapo, commovida. Mas o noivo annunciou o segundo *complet* e recomeçou com energia:

Gentil oração, costureira, escuta! Não sigas nunca as seduções do mundo, Ouve os conselhos de teus paes amigos Porque a deshonra é um lodacal profundo... Todo esse luxo que te e ubriaga a vista Em si contém a podridão fremeante. No pão do vicio não toqueis, meus filhos E' pão maldicto que envenena a gente.

M. Sauvetanin exclamou, no meio da emoção geral: «—Ora ahí têm coisas sensatas, bem diferentes das que estamos costumados a ouvir.»

Anna, também commovida, atirava beijos a sua irmã, nas pontas dos dedos, indicando-lhe o acivo, como para felicital-a.

Porem o cantor, embriagado pelo successo, continuou:

Anna toda pallida, tinha baixado os olhos.

O noivo olhava envolta, embaraçado, sem comprehender a causa d'esta frieza subita. M. Sauvetanin declarou gravemente para salvar a situação que «—o ultimo *complet* era muito forte».— O pae Taille, vermelho como um pimentão, dirigia olhares ferozes para todos os lados.

Porem Anna que tinha os olhos cheios de lagrimas, disse para os criados com uma voz molhada de mulher que chora: —Tragam o champagne!

E toda uma alegria viva principiou a agitar os convidados, tornando as caras radiosas d'um contentamento subito.

FIM

alguma coisa.

O seu filho tinha a fama de possuir uma das melhores vozes do Havre. Mas o noivo ergueu-se um pouco, sorrindo e voltou-se por delicadeza para sua cunhada, procurando alguma coisa grave e decente em harmonia com a seriedade do jantar. Anna, com um ar contente, recostou-se na cadeira para escutar.

Todos os rostos em volta, esperavam, vagamente sorrindo.

O cantor annunciou o *Pão Maldicto* e estendendo o braço direito, o que lhe fez subir a gola da casaca, no pescoço, começou:

Ha um pão santo que na terra bruta Regado aos poucos com o suado rosto, Faz do trabalho que alimenta os pobres

Socorro ao pobre que curvado d'arcos Fede a quem passa piedosa esmola. Tristes velhinhos que a desgraça esmaga A caridade o proprio Deus consola. Mas nunca o obrero preguiçoso e mau A mão estendida aviltadoramente. E' pão do crime! Não toqueis, meus filhos

Ha um pão santo que na terra bruta Regado aos poucos com o suado rosto, Faz do trabalho que alimenta os pobres

visconde de Almeida Garrett, ao terminar um século, contado desde o dia do seu nascimento. Homem sincera e cordial foi justa e merecida

Garrett é um d'aquelles homens e sublimes que, depois de terem morrido, continuam ainda a viver nas obras legadas aos vindouros, e nas quaes brilha com luz intensa o formoso talento com que Deus os prezou.

Os seus trabalhos litterarios, os differentes volumes que produziu occupam um lugar assignalado entre os livros que se amam e estimam.

A sua leitura sobre ser amena e agradável tem a vantagem de nos pôr em relação com uma intelligencia lucida e com um coração bem formado. Almeida Garrett é um grande mestre.

Fazê-o resurgir perante os homens de hoje e sobretudo perante a mocidade estudiosa, a pretexto do centenário do seu nascimento, é avivar a memoria de um homem que pôde servir de exemplo para imitar-se, porque não abusa do seu talento para desservir a patria ou menosprezar a religião. Nem todos seguem este seguro e louvavel rumo.

Em Portugal religião e patria andaram sempre muito unidas e concordadas; mas nos tempos modernos, em que por vezes as trevas e as escuridões passam por verdadeiras luzes, não falta quem despreze a religião em detrimento da patria. Se isto não revela um puro engano, traduz com certeza uma requintada má fé.

Querer enganar a patria, emancipando-a da religião, que lhe serviu de mãe, é renegar um passado glorioso e velar de negros crepes na historia de um paiz as paginas mais brilhantes, porque não entrecidas de feitos heroicos.

A decrença ou a ignorancia religiosa que vai passando sobre a sociedade portugueza como vento assolador, que a ruina as searas mais promettedoras de optimos fructos, deve-se em grande parte aos homens que pela sua auctoridade e pelo seu talento deviam ser uma luz e exemplo para a mocidade.

Dizemol-o com satisfação—Almeida Garrett, endo um talento singular, não se pôz ao serviço do erro nem da corrupção dos costumes.

É justa, pois, a homenagem que se lhe rende por occasião do centenário do seu nascimento.

Despachos de justiça

Foi despachado tabellião de Canha, na comarca de Aljeia Gallega, do Ribatejo o sr. Manoel José de Faria Pereira, tabellião privativo no extincto concelho de Valladares.

E para a vaga do sr. Faria em Valladares foi nomeado tabellião o sr. Manoel Pereira d'Eqca. Aos agraciados apresentamos o nosso cartão de sinceras felicitações.

Consortio

Consortiaram-se no dia 11 do corrente, na igreja parochial da freguezia de Penso, o sr. João Ergenio da Costa Lucena, filho do sr. João Antonio de Lucena, importante negociante e proprietario da cidade de Lisboa, e a sr. D. Ernestina Esteves Cordeiro,

filha do nosso saudoso amigo, sr. João Esteves Cordeiro.

Que tenham uma infundavel lua de mel e que gozem todas as felicidades de que são dignos são os nossos ardentes desejos.

O temporal.—Estragos

No domingo amainou o temporal, apresentando-se logo de manhã o ceu com melhor cara, sendo de prever que o tempo melhore.

Tem chuido a potes, como dizem os lavradores.

As aguas do rio Minho subiram consideravelmente, inundando os campos marginaes de Portugal e Galliza.

Segundo dizem, é a maior cheia que se tem visto d'este 22 de fevereiro de 1879.

Dizem de Valença que chegou a embarcar-se para a Galliza quem do coberto do Senhor do Cães, indo as barracas dos guardas, que estavam no Cães, pelo rio abaixo.

Desabaram os tabiques da casa do então Hotel do Minho e as paredes da cozinha; sendo levados pela corrente alguns móveis. No hotel subiu a agua á altura de 3.^a 11, estando 0.^m05 acima do soalho do primeiro andar.

As aguas na veiga da Mira tomaram taes proporções que chegaram ao centro da freguezia de Arão, impedindo a passagem da igreja para o cruzeiro do Senhor do Alívio.

Em Ponte de Lima, o rio Lima também transbordou fóra do leito, inundando todos os edificios que estão na Avenida do largo do rio, chegando a galgar a ponte e a alagar o Largo de Camões.

Entre Caminha e Guardia foi impedido o transito em vista da forte corrente do Minho.

Em Vianna do Castello também houve inundações. Chegou a estar impedida a passagem em algumas ruas, e em alguns pontos da cidade a chuva inundou algumas casas.

Neste concelho os estragos produzidos pelo temporal, foram: alguns muros derruidos e algumas arvores arrancadas. Não nos consta haver outros prejuizos.

Letra de afilamento

Foi designada a letra—C— para servir, durante o corrente anno, no afilamento de todas as medidas e instrumentos de pezar e medir.

Escripturarios de Fazenda

A commissão das contribuições do estado approvou hontem o projecto relativo á restauração dos logares de escripturarios de fazenda, que ficarão sendo de 1.^a e 2.^a classe.

Os de 1.^a classe só serão dados aos concelhos de 1.º orden.

Os vencimentos dos escripturarios de 1.^a classe em Lisboa e Porto é de reis 300\$000 e os de 3.^a classe de 216\$000 reis.

Nos outros concelhos é de 250\$000 reis o vencimento para os de 1.^a, e os de 180\$000 reis para os de 2.^a.

A melhoria no augmento d'estes funcionarios não importa augmento de despeza para o estado porque é feita á custa de redução n'outros quadros e economias em varios serviços que a commissão propõe.

Influenza e coqueluche

Lavram com grande intensidade n'este concelho estas duas epidemias.

Linha ferrea de Monsão

Segundo dizem de Valença vem a esta villa um capitalista inglez sir Albert Escolme, percorrer o traçado da linha ferrea, projectada, entre aquella villa e Monsão, com um dos concessionarios, afim de apreciar a sua importancia, para depois fornecer todo o material para a sua construcção.

Um dos actuaes concessionarios é o sr. Antonio José da Silva, proprietario do Francfort Hotel de Lisboa, o qual, dizem que está disposto a, com os seus outros collegas, fazer a construcção no curto prazo de oito mezes, que resta, segundo a concessão.

Publicação da Bulla

No domingo pelas 11 horas da manhã foi feita na igreja matriz d'esta villa a publicação da Bulla pelo rev. Antonio Alberto Fernandes, digno escripturario da freguezia de Mazedo, de Monsão.

CARTEIRA

Foi a Monsão, d'onde já regressou, o sr. José Augusto Teixeira, habil escripturario da repartição de Fazenda d'este concelho.

— Esteve entre nós acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e filhinhos, o nosso amigo sr. Manoel de Jesus Puga, digno recebedor em Monsão.

— Já regressou a esta villa o sr. José da Rocha Cabral, 2.^o sargento da guarda-fiscal, reformado.

— Esteve ante-hontem entre nós o nosso amigo, sr. Luiz Augusto Gomes, intelligente e digno escripturario de direito da comarca de Cerveira.

— Partiu hontem para Lisboa, afim de tratar da sua saúde, o sr. Rufino Antonio Esteves.

— De visita a sua familia, chegou ha dias a S. Gregorio o sr. Carlos Gomes Vianna, que no Pará tem seguido honrosamente a carreira commercial.

Damos-lhe as nossas boas-vindas.

ANNUNCIOS

COMARCA DE MELGAÇO

EDITOS DE 30 DIAS

Primeira publicação

Mo juizo de direito d'esta comarca, e pelo 2.^o officio, correm editos de 30 dias a citar os interessados auctentes em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil Manoel José Quintella, casado, José Maria Domingues Santos e Manoel José Domingues Santos, selteiros, moradores que foram no lugar da Igreja, da freguezia de Remoães,

"A Moda Elegante,"

O primeiro jornal de modas de Portugal e Brazil. Brindes a todos os assignantes.

ASSIGNATURAS { Anno 4:000 reis 28:000 reis
Semestre 2:100 reis Portugal 15:000 reis Brazil
Trimestre 1:100 reis 8:000 reis

Toda a correspondencia deve ser dirigida para Guillard Aillaud & C.^a Boulevard Montparnasse, 9 Paris ou para Lisboa— Rua Aurca-242

para fallarem e assistir a todos os termos do inventario a que se procede por obito de sua sogra e mãe Rita Gonçalves, do mesmo lugar e freguezia, sem prejuizo do andamento do mesmo processo.

Melgaço, 3 de fevereiro de 1899.

Verifiquei

O juiz de direito,

Mendes d'Alcantara.

O escriptão

Antonio Severo de Freitas

COMARCA DE MELGAÇO

EDITOS DE 30 DIAS

(Primeira publicação)

Mo juizo de direito d'esta comarca, correm editos de 30 dias, a citar os interessados Manoel José Alves, Seraphim Alves e José Bento Alves, do lugar de Varzeatruvessa, freguezia de Castro Laboreiro, para fallar e assistir a todos os termos do inventario de seu pae Manoel Antonio Alves, sem prejuizo dos termos do mesmo, e visto que os interessados estão auctentes em parte incerta do Reino de Hespanha.

Melgaço 26 de janeiro de 1899.

Verifiquei

O juiz de direito,

Mendes d'Alcantara.

O escriptão,

Antonio Severo de Freitas.

Arrematação

No dia 25 do corrente por 11 horas da manhã á porta do tribunal judicial d'esta comarca ha de ter lugar a arrematação dos bens seguintes.

Metade da casa de morada e respectivos rocos, sita no logar do Ramo em reis; 70\$000

Metade da leira por baixo da casa, de pão e vinho, em reis; 80\$000

Metade da leira da Cortadinha, de pão e vinho em reis; 10\$000

Metade da leira da Soalheira, de hortaliça e vinho, em reis; 24\$000

Metade da leira da Padroeira, de pão e vinho em reis; 40\$000

Metade da propriedade da Forja, de pão e vinho em reis; 60\$000

Metade da leira de Hortinhas, de pão e vinho em reis; 6\$000

Metade do monte da Chão do Cio, de mato em reis; 10\$000

Metade do monte da Coutada, de mato

em reis; 1\$800

Metade da leira das Torças, de mato em rs. 2\$000

A leira da Corga, de pão e vinho em reis; 48\$000

A leira dos Agrelondos, de mato em reis; 60\$000

O monte das Ribas, de mato em reis; 12\$000

A leira do Cavalheiro de mato em reis; 5\$000

A leira do Casal de Boi, de mato em reis; 1\$500

A leira da Porta do Canastro, de pão e vinho, em reis; 20\$000

A leira da Castanhoeira de Baixo, de pão e vinho em reis; 5\$000

E finalmente a leira dos Pereiros, de pão e vinho em reis; 6\$000

Todos estes bens são situados na freguezia de Christoval, d'esta comarca e vão á praça por deliberação do conselho de familia para pagamento do passivo descripto no inventario de José Gonçalves, viuvo morador que foi no lugar do Ramo da dita freguezia, sendo as contribuições pagas por inteiro pelos arrematantes. Pelo presente são citados os credores incertos.

Melgaço, 3 de fevereiro de 1899.

Verifiquei

O juiz de direito,

Mendes d'Alcantara.

O escriptão substituto,

Aurelio Augusto Vaz.

DEPOSITO

DE

FARINHAS

Farinhas de trigo das principaes fabricas de moagens do paiz:

Armazem e escriptorio rua dos Nerys n.^o

17 casa aonde habitou o ex.^{mo} sr. dr. Guerra -Monsão.

DEPOSITO DE POLVORA

DO

ESTADO

ANTONIO AUGUSTO D'ARAÚJO & C.^a—S. GREGORIO

Principe fina.

Principe superfina.

Polvora de minas.

Esta polvora é muito superior á de fabrico particular é muito recommendavel pela modicidade de preço.

LOJA NOVA

ANTONIO JOAQUIM ESTEVES

ESPECIALIDADES PARA INVERNO

LIQUIDAÇÃO

PROPRIETARIO d'este estabelecimento chama a attenção de todos os seus amigos e freguezes para o enorme sortimento de fazendas e modas que acaba de receber proprias da presente estação. E, attendendo ás vantaj sas condições em que acaba de realisar as suas compras, garante ao publico uma grande redução de preços, taes como:

Picotilhos de varios gostos, a 500 reis o metro.
Sortido completo de casimiras, nacionaes e estrangeiras pretas e de cor, desde 15000 até 35000 reis o metro, o que ha de melhor.
Cortes de calça, gostos lindissimos, muito baratos.
Grande variedade em castorinas, proprias para vestidos de senhora, que eram de 700 reis a 620 reis, o metro.
Baetas xadrez e mescla, de diferentes gostos, que eram de 600 reis, vendem-se a 500 reis o metro. Outras ditas, que eram de 500, a 400 reis o metro.
Magnificos cortes de vestidos para senhora e creança, de pura lã, muito baratos.
Flanelas para camisa de homem, gostos variadissimos, que eram de 240 a 190 reis o metro.
Echarpes de malha (pura lã) a 650 reis.
Cachenés de merino e lã, a 800 reis.
Camisas feitas, para homem, a 340, 400, 500 reis e mais preços.
Ceroulas, a 240, 260, 280 300, 400 reis e mais preços.
Algodões. Toalhas de feltro para rosto.
Meias de lã e algodão, para homem, senhora e creança. Guardanapos a 30 reis.

Chapens para homem.
Espartilhos para collete de senhora, a 50 reis a dúzia.
Guardasóes. Colletes para senhora, a 650 reis.
Toucas para creança, de varios gostos e feitos, 200, 240 e 320 reis. Lã em fio e de cor, propria para meias.
Magnificos serviços para chá, e louça de diversas qualidades; espe ialidade em candieiros de metal e porcellana, proprias para mesa de sala; jarras de porcellana, gostos lindissimos; brinquedos para creança, em porcellana e castiças de vidro.
Espendido sortido de gravatas, que eram de 240 a 160 reis e mais preços.
Molduras douradas; papel, tintas e muitos outros objectos para escriptorio.
Lenços grandes para mulher, a 70 reis.
Merinos pretos e armures, a 500, 600 reis e mais preços.
Panno enfiado para lençoes, e finalmente, muitos outros artigos, tanto em fazendas como em mercearia, que é impossivel enumerar.
Calçado para inverno, para homem, senhora e creança, com grande redução de preços.

PECHINCHA

Um saldo de riscados que eram de 60 a 40 reis! Cutins de varios gostos, que eram de 80 a 60 reis. Uma cousa extraordinaria.
Machinas de costura da acreditada companhia «Singer» a prestações ou a prompto pagamento. Camas de ferro e lavatorios, pelo preço da fabrica.
Encarrega-se de seguros, contra incendios, da Companhia «A Commercial», de que é unico correspondente n'esta villa.

FUNERAES

Encarrega-se tambem de todos os serviços funebres pelos preços mais commodos e convidativos, assim como fornecimento de caixões de madeira, chumbo e zinco, armação da camara ardente, cera para os sahimentos; ornamentação d'egrejas, desde o mais simples ao mais luxuoso.

VENDER MUITO E GANHAR POUCO É O

SYSTEMA ADOPTADO
NA

LOJA NOVA DO ESTEVES

MELGACÃO

ESTABELECIMENTO COMMERCIAL

Na loja de FRANCISCO PIRES, conhecido pelo nome de FRANCISCO DE PAÇOS, encontrarão os seus numerosos freguezes um variadissimo sortido de generos, de mercearia, ferro, ferragens, panelas de ferro e muitos outros artigos em miudezas, proprios para sapateiros, e tamanqueiros bem assim grande variedade em sola e cabedaeas de todos as qualidades por preços sem competencia.

O dono d'este estabelecimento é unico agente do alquillador RODRIGO, e encarrega-se de todos os despachos de mercadorias, tanto para qualquer ponto de Portugal, como tambem para qualquer localidade do Brazil.

EMPRESA FUNERARIA MONSANENSE

Escriptorio rua Dr. Alvares da Guerra-Monsão

Esta Empresa, annuncia aos melgacenses que se encarrega de funeraes no concelho de Melgaço, como separadamente fornece caixões e aluga eças e armações por preços convencionaes e commodos.

Contrata funeraes de luxo, incluindo eça de madeira dourada.

Dirigir á Empresa Funeraria—MONÃO.

CAFÉ MELGACENSE

PROPRIETARIO d'esta acreditada casa, previne os seus freguezes e o publico em geral que de hoje para o futuro se encarrega de qualquer encomenda e satisfaz promptamente quaes queres pedidos, taes como, champagnes, vinhos finos e de mesa da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, licorea, cognacs, anisadas, refrigerantes Estacio, sodas, cervejas Bavieca e Pilsener, enfim, todas as variedades de bebidas alcoolicas e refrigerantes.

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao proprietario.

JOSE' CANDIDO LOPES—MELGAÇO

(Descontos para vender)

Segundo anno de publicação

publica-se as quintas feiras

MELGACENSE

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

Continente, anno.....	1:200	rs.
" semestre.....	600	"
Brazil anno.....	3:250	"
Colonia.....	2:250	"

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Linha.....	30	rs.
Repetições.....	20	rs.

Annuncios permanentes
preços convencionaes.

Na typographia d'O Alto Ninko—Monsão. Imprimem-se facturas, memoranduns, bilhetes para rifas, prespectos e cartazes para theatro, participações de casamentos, convites e cartas funebres jornaes semanaes ou bi-semanas em qualquer formato.

Cartas funebres, mandados de pagamento, mappas para professores e outros impressos em deposito.

Cartões de visita, brancos desde 300 a 600 reis, de luto desde 600 a 15000 reis.

A administração do Melgacense encarrega-se de qualquer encomenda